

ADOLESCENTES E JOVENS NOS MERCADOS DO SEXO NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, PERU, COLÔMBIA: TRÊS EXPERIÊNCIAS, UM TOUR DE FORCE E ALGUMAS REFLEXÕES

ADOLESCENTS AND YOUNGSTERS IN THE SEX MARKETS AT THE TRIPLE BORDER BRAZIL, PERU AND COLOMBIA: THREE EXPERIENCES, ONE TOUR DE FORCE AND SOME REFLECTIONS

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v18n1p87-102

Resumo

Esse artigo oferece uma reflexão inacabada sobre algumas questões ainda pouco discutidas na bibliografia socioantropológica brasileira sobre prostituição/“mercados do sexo”; especificamente, sobre o conteúdo da participação de adolescentes e jovens (incluindo menores de 18 anos) nestes mercados, bem como sobre as formas destes mercados em uma região de fronteira internacional amazônica. Apresento três “formas” nas quais jovens locais se descreveram a si mesmos como participantes no “babado” ou na “prostituição” local na cidade transfronteiriça de Tabatinga/Leticia/Santa Rosa, especialmente a partir da sua parte brasileira (Tabatinga). Por fim, argumento que nem a perspectiva da “exploração sexual” nem os recursos mais recorrentes nas nossas pesquisas sobre prostituição (e sobre sexualidades adolescentes) parecem dar conta suficiente das experiências dessas garotas.

Palavras-chave: Mercados do sexo. Amazônia. Adolescentes. Exploração sexual. Minoridade.

Abstract

This article offers an unfinished consideration about questions that are, as yet, relatively undiscussed in the Brazilian socio-anthropological literature on prostitution / “sex markets”; namely, questions relating to the participation of adolescents and young people (including those under 18 years) in these markets, and the forms these markets take on in an international Amazonian border region. I present three “forms” in which local youngsters describe themselves as participants in babado or local “prostitution” in the Tabatinga/Leticia/Santa Rosa border town, particularly on the Brazilian side in Tabatinga. I argue that neither the “sexual exploitation” perspective nor our most recurrent resources in research on prostitution (and about adolescent sexuality) can fully account for these young people’s experiences.

Keywords: Sex markets. Amazon. Adolescents. Sexual exploitation. Underage people.

José Miguel Nieto Olivar

Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/ Unicamp. Fapesp, processo: 2014/23360-5.

E-mail: escreve.ze@gmail.com.

Introdução

Uma vez chegada a hora das perguntas, Glória pediu sua vez de falar. Ela disse, palavras mais ou menos, que se é verdade que tem quem faça porque quer, também tem quem faz por necessidade e, o mais importante, -aquilo que segundo ela eu estava esquecendo por completo-, tem quem faz à força. Entendi nos seus gestos e no seu esforço por intervir que Glória tinha muito mais para contar. Busquei-a no finalizar da jornada....

Esse artigo oferece uma reflexão inacabada sobre algumas questões ainda pouco discutidas na bibliografia socioantropológica brasileira sobre prostituição/“mercados do sexo”; especificamente, sobre o conteúdo da participação de adolescentes e jovens (incluindo menores de 18 anos) nestes mercados, bem como sobre as formas destes mercados em uma região de fronteira internacional amazônica. Apresento três “formas” em que jovens locais se descreveram a si mesmos como participantes no “babado” ou na “prostituição” local na cidade transfronteiriça de Tabatinga/Leticia/Santa Rosa, especialmente a partir da sua parte brasileira (Tabatinga). Como veremos, ideias sobre juventude e minoridade são articuladas nas suas narrativas e explicações.

Essas “formas” serão lidas como experiências (CSORDAS, 1994) e como narrativas (RICOUER, 1994) sobre as próprias personagens e sobre o universo ao redor, por tanto não falam apenas sobre “babado” (nome local do “programa”), mas sobre as formas como a cidade transfronteiriça é construída, experienciada e imaginada a partir das articulações entre dinheiro, sexo, afetos, parentescos, conjugalidades. O ponto de partida é a sugestão da Glória: a distinção do “fazer à força” com relação ao desejo e à necessidade. A primeira experiência está narrada por Livia, e marca uma perspectiva mais próxima a formas laborais e institucionalizadas de prostituição/trabalho, sem que, contudo, se restrinja a estas. A segunda experiência, representada por Vanessa e através dela por alguns *garotxs* “gays”/trans-, foi sem dúvida a maioritária no trabalho de campo e nos leva a ideias sobre “curtição”, prazer, consumo, diferenciação. A terceira, como veremos, constitui um *tour de force* agenciado localmente; a partir do esforço de Glória para me contar sua própria história, ela iluminou o espaço dos que “fazem à força”.

Com essas três experiências, espero aportar nos estudos sobre prostituição, mercados do sexo e “economias sexuais”, oferecendo uma diversidade de sentidos e de construções práticas que avança na simultânea produção e borramento de distinções identitárias nesse campo. Especialmente, busco aportar, em um campo ainda pouco explorado: a participação de “menores”, adolescentes e jovens nos mercados do sexo. Pergunto-me se é possível ver nessa participação algo mais que “exploração sexual”; o que resta se retirarmos, temporariamente, essa chave interpretativa e atentamos principalmente às interpretações próprias dessas pessoas em contexto? Quais são as fronteiras que se ativam se suspendemos aquela dos 18 anos? É possível começar a ver “crianças” e “adolescentes” como parte de recortes profundamente diferentes? Por que estxs jovens menores de 18 anos, que não são poucx, se envolvem nesses mercados? O que esses jovens “de menor” têm a nos dizer e a apresentar quando nos aproximamos etnograficamente a eles?

Em acordo com uma já extensa bibliografia nacional e internacional sobre transações entre sexo e dinheiro¹, as “formas” aqui apresentadas ultrapassam ideias político-jurídicas sobre prostituição/trabalho sexual, ao mesmo tempo em que envolvem diferencialmente afetos, lógicas de reciprocidade, de “predação” (OLIVAR, 2011) e importantes retóricas morais de diferenciação. Isto é, esse artigo ocupa-se muito menos da prostituição, do trabalho do sexo, na tríplice fronteira, que de maneiras diversas nas quais esses “jovens” se emaranham (ou se vêm emaranhados) nas articulações locais entre, minimamente, sexo e dinheiro. Nesse sentido, a ideia de “mercados do sexo” (PISCITELLI, 2005, 2011, 2013) é central nessa pesquisa, ao tempo que ideias como “sexo tático” (CABEZAS, 2009), “sexo transacional” (HUNTER, 2002; STOEBENAU et al., 2011) ou “materiality of everyday sex and love” (HUNTER, 2010), originariamente produzidas a partir de pesquisas no Caribe

¹ Existe uma grande e importante produção socioantropológica e histórica sobre prostituição no Brasil, muito atenta às reivindicações das mulheres prostitutas e ao campo político. Ver, por exemplo, os números 25 (de 2005) e 31 (de 2008) dos Cadernos PAGU, bem como a coletânea “Prostituição e outras formas de amor”, de 2014, organizada por Simões, Morais e Silva. Também livros individuais como Simões (2010), Piscitelli (2013) e Olivar (2013), e a extensa produção dos pesquisadores Thaddeus Blanchette e Ana Paula Silva (2012, por exemplo). Sobre “mercados do sexo” e mobilidades transnacionais ver Piscitelli, Assis e Olivar (2011). Ver Piscitelli (2013) e Consatble (2009) para revisões completas.

e na África, podem encontrar reflexos ou correlatos locais nas narrativas levantadas.

Esse artigo pode ser lido como um trabalho ainda em processo, parte do exercício de organizar dados de campo, ideias e possibilidades analíticas. É resultado da minha pesquisa de pós-doutorado, realizada junto ao Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, da Unicamp, sob supervisão da Dra. Adriana Piscitelli (Fapesp processo 2010/50077-1)². Entre agosto e dezembro de 2011 e de 2012 realizei o trabalho de campo para tal pesquisa na cidade transfronteiriça, com especial atenção a Tabatinga (AM), e em 2013 realizei também algumas atividades de campo, menos sistemáticas. A pesquisa marco visava, grosso modo, a compreensão dos mercados do sexo nessa tríplice fronteira desde uma perspectiva interseccional de gênero (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008), levando em consideração a mobilidade territorial das pessoas, ideias sobre diferenças e pertencimentos diversos, e prestando atenção às políticas públicas de referência. Um dos resultados destacados foi a importante participação de “adolescentes e jovens” no mercado do sexo transfronteiriço (OLIVAR, 2013b); o presente artigo é, pois, parte do processo de organização e análise desse resultado.

Por fim, e de maneira tangencial, esse artigo visa aportar também na produção socioantropológica sobre e a partir de territórios de fronteira na Amazônia contemporânea, especialmente sobre/desde seus espaços urbanos. O aporte provém dos estudos de gênero e desde o lugar, não marcado *a priori* em termos de opressão e dominação, que as relações entre sexo, dinheiro e Estado têm nos “processos de fronteirização” (GRIMSON, 2003).

A cidade tríplice

As experiências desses jovens acontecem em um lugar específico, em relação às dinâmicas sociais, históricas e econômicas locais/transfronteiriças. Na continuação apresento uma descrição breve e parcial da cidade tríplice.

² Agradeço à Adriana Piscitelli pelas inúmeras conversas, iluminações e “condições de possibilidade” para a realização desta pesquisa e das reflexões seguintes. Igualmente ao grupo de estudos coordenado por ela; fonte riquíssima de aprendizados e discussões. Agradeço à Iara Beleli, a Ana Fonseca e às demais amigas do Pagu pelos incontáveis apoios. Flávia Melo, Patrícia Carvalho, além das muitas pessoas “na tríplice” que fizeram esse campo possível.

A tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru tem seu núcleo social e territorial na relação íntima de três agrupamentos urbanos bem diferentes entre si. Na margem direita de quem sobe o rio Solimões/Amazonas encontram-se Tabatinga (Br) (população urbana 2010: 36.356 – Fonte: IBGE cidades³) e Leticia (Col) (população urbana projetada para 2010: 25.128 –Fonte: DANE⁴), “cidades gêmeas” (BRASIL, 2010), “conurbación” (APONTE, 2011), que não apresentam hoje qualquer separação geográfica significativa entre si nem maiores bloqueios ou controles de mobilidade. Olhando desde os portos de Leticia ou de Tabatinga, vê-se a uns 200 metros uma ilha sedimentar. Santa Rosa, Peru, pequeno e precário povoado do município de Islandia (Pe), com cerca de 1000 habitantes, altamente dependente de Leticia/Tabatinga, e cuja sede faz fronteira internacional com Benjamin Constant (AM/Br) no rio Javari.

Trata-se de uma região de longa história de missões e de contato, marcada pela história das disputas fronteiriças imperiais e nacionais, pela redução e controle das populações indígenas e, muito fortemente, pelos violentos processos de extração de borracha de final do século XIX e início do XX. Importantes marcas de colonização militar e religiosa são visíveis na história e no cotidiano da região e das cidades. Apesar dessa longa história, formas de colonização mais “liberais” e extensivamente modernizantes (no sentido pensado por Elizabeth Povinelli (2013)) são bastante recentes, ainda incipientes ou falidas⁵. Um dos elementos centrais para a compreensão dessa fronteira é, então, o processo colonizador, estatal, marcadamente militar e masculino, que em transformações sucessivas se teceu desde a colônia portuguesa.

Leticia, Tabatinga e Santa Rosa conformam hoje uma cidade bastante particular de bem mais de 60.000 pessoas, fora sub-registros e população flutuante ou em trânsito. É um espaço social prenhe de diversidades altamente visíveis, com profundas e largas relações entre elas, territorializadas e hierarquizadas.

³ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

⁴ http://www.dane.gov.co/files/censo2005/PERFIL_PDF_CG2005/91001T7T000.PDF

⁵ Sobre a história da região e do processo de fronteirização ver: Oliveira Filho, JP. (1988); Oliveira, Roberto Cardoso (1972); Goulard (2010); Zárate (2008); Taussig (1993). Sobre a cidade: Picón (2012); Aponte (2011); Pantevis (2013).

Dentro dessa intensa diversidade, vale a pena destacar a visibilidade narrada como crescente de pessoas “gays”, principalmente masculina, e trans-, principalmente em Tabatinga, e incluindo população indígena ticuna. De expressões lésbicas vê-se pouco; ainda que conheçamos não poucas histórias, não existe um especial investimento em visibilização.

“Conurbadas” no que pode ser uma cidade só, os três conglomerados apresentam características muito diferentes e implicam diferenças importantes nas experiências das pessoas. Colômbia e Brasil, nesse caso, mantêm uma relação de mútua diferenciação relativamente simétrica. Na relação desses dois países com o Peru, a relação de diferença se produz em termos de pesada desigualdade. Nessa fronteira, seguindo dados diversos com diversas populações, a posição social mais baixa é “ser” peruano, inclusive em relação a grupos indígenas, e se traduz na dificuldade para acessar serviços e direitos com qualidade (CAMPOS, 2012), bem como em permanentes suspeitas morais/legais.

Nesse plano, atualizando discursos inter e intranacionais de estigmatização étnica e regional, as nacionalidades colombiana e brasileira, as cores claras de peles, cabelos e olhos, e a ideia de não ser indígena, são elementos que, na prática, podem significar privilégios importantes (moradias com melhores condições de saneamento, atenção médica de melhor qualidade, maior atenção das autoridades públicas, maior possibilidade de escolha de parceiros sexuais) e mobilizar expressões de racismo e de afetos “imperiais” (McCLINTOCK, 2010).

A economia da cidade transfronteiriça está fortemente atrelada à mobilidade, à natureza, e depende grandemente dos Estados, a partir de salários, aposentadorias, pensões, prestação de serviços, venda de produtos e também a partir de benefícios sociais. Por tanto, o governo brasileiro é uma das principais fontes de dinheiro da região. Em Leticia, o turismo é importante como fonte de recursos, alguma parte desse dinheiro circula também em Tabatinga e em Santa Rosa. A pesca, transformação e venda de peixes para “fora” na Colômbia, é uma fonte econômica importante (PANTEVIS, 2013). Assim, no espaço urbano, o comércio dos mais diversos produtos e o setor de serviços são os que mais mobilizam a economia. Não existem grandes fábricas nem produção agrícola capaz de satisfazer o consumo local.

As economias de extração, lícitas e ilícitas, são uma constante histórica importante na economia e na vida social da região e da cidade: das buscas coloniais pelo ouro e pelas “drogas do sertão”, passando pela borracha, a fauna silvestre, as peles exóticas, a madeira e o tráfico de drogas. Segundo inúmeras narrativas, desde os anos 70, a economia mais forte, e responsável por uma boa parte dos fluxos humanos, é o tráfico de drogas que ingressam no Brasil vindo do Peru e da Colômbia, principalmente da cocaína e sua pasta-base.

Essas economias são marcadas por gênero e por relações hierárquicas de poder. Imagina-se o acesso a fontes “primárias” de dinheiro como sendo principalmente masculino: narcotráfico, política, pesca, mineração, forças militares, construção civil. Nesse contexto, para muitas pessoas, o sexo, o amor, o casamento e a gravidez (no caso das mulheres), em relação à mobilidade territorial, configuram-se em possibilidades reais, historicamente consolidadas e socialmente válidas, de acessar aos fluxos de dinheiro por vias que vão desde a prostituição, as dádivas de ajudas e presentes, os pequenos furtos, as transferências de propriedades, aposentadorias, regulação migratória ou cotas alimentícias (OLIVAR, 2013b).

Durante a pesquisa, foi evidente uma significativa circulação de pessoas vinculadas a mercados do sexo. Em Tabatinga, existem alguns prostíbulos, diferentemente de Santa Rosa e Leticia (entre 2009 e 2013), nos quais trabalham mulheres colombianas, peruanas e brasileiras; quem procurar um prostíbulo tem que ir “pro Brasil”. Contudo, como veremos nas narrativas seguintes, a maior parte do mercado do sexo, e do sexo comercial, acontece fora destes lugares, acontece nas estelas traçadas entre conversas pessoais rápidas, bares e boates, ligações ou conversas “tecleadas” por celular, trajetos de motos e motocarros, e motéis ou qualquer outra habitação alugável... Então, como para qualquer outra atividade sexual, social, afetiva ou comercial, circula-se intensamente e com bastante liberdade entre as cidades e, assim, administrando o território e a língua, administram-se também as leis, os limites e as diferenças.

Nos prostíbulos de Tabatinga, trabalham mulheres brasileiras, bem como colombianas e peruanas que vêm de outras cidades e regiões em busca do aglutinamento de dinheiros presente na tríplice fronteira, bem como da comparativamente melhor qualidade de vida narrada

por elas, de melhores condições laborais, e de projetos migratórios e afetivo/conjugais. Manaus, Lima, Bogotá, Chile, São Paulo, Europa, aparecem com alguma frequência em narrativas de pessoas que “fazem babado” ou trabalham no sexo na forma de sonhos, desejos, convites e residência atual de colegas e antigas vizinhas. Por outro lado, está a mobilidade gay e trans- vinculada aos mercados do sexo e da beleza, e que tem no fluxo Manaus, Tabatinga (Brasil), Caballococha, Iquitos (Peru), o seu espaço prioritário. Note-se que não estou falando nem de “exploração sexual” nem de “tráfico de pessoas”, mas do exercício livre e mais ou menos autônomo tanto da prostituição quanto da mobilidade territorial.

As três experiências

“Amor não enche a barriga”: sexo transacional, conjunção de alternativas e a resolução de necessidades práticas (Lívia).

A primeira “garota de babado”⁶ que conheci na pesquisa, em setembro de 2011, foi me apresentada pela antropóloga Bagdala Cajueiro de Lima, que tinha recém defendido seu trabalho de conclusão do curso em Antropologia sobre o mais famoso local de prostituição em Tabatinga: o Zé Gay (LIMA, 2010). Desse modo, desde o nosso primeiro encontro, ela sabia em que consistia o meu trabalho. Até algum tempo atrás do nosso primeiro encontro, Lívia, que então estava com 22 anos, trabalhara no Zé. Então morava com a avó e os seus dois filhos mais novos, enquanto sua mãe estava em Manaus com o mais velho dos três (que estava com 6 anos). É nascida em Tabatinga, de pai peruano e mãe brasileira.

Desde os 15 anos “faz babado”, principalmente, tendo como referência o bar. Lívia contava às vezes que era familiar do Zé Gay e que desde “menina” frequentou o bar ganhando algum dinheiro pelo babado. Com Lívia, conversamos muitas vezes entre 2011 e 2012, bebendo cerveja, frequentando bares, assistindo ao Festival da Onça (versão local do Boi). Nunca ouvi dela uma narrativa sobre ter sido forçada a se prostituir ou a ficar com os homens; tampouco sobre se sentir explorada. Nunca

6 (nome local do programa) Babado é “algo quente”, me explicava um moço gay que também fazia; uma festa, uma fofoca, uma notícia bombástica, um programa.

ouvi nas suas falas uma delimitação das suas práticas atrelada pontualmente aos 18 anos; adolescência ou algo como “muito jovem para...”. Nunca foram argumentos ou explicações presentes nas suas falas. Porém, é claro que ela se sabia jovem e que buscava formas de vida que associava com juventude e que lhe permitissem sentir-se assim e “curtir”: namorava, ficava com gente, bebia, andava na sua moto circulando à noite da cidade, brincava com outros e outras jovens de mais ou menos a sua idade enquanto buscava alternativas de conseguir dinheiro para o sustento dos filhos, cujo cuidado era compartilhado com a sua mãe (de mais ou menos a minha idade – 35 –, como a da maioria das *garotxs* dessa pesquisa) e a sua avó.

Do mesmo modo, de alguma forma sabia que já não estava mais “em idade” de continuar no Zé. Tinha frequentado o bar e trabalhado nele por mais de 5 anos; estava cansada do “babado”, do Zé, do clima pesado do bar e, por outro lado, sabia que o tempo de maior rentabilidade financeira teria passado: não era mais “novinha”, era conhecida, seu corpo também mudava. Desse ponto de vista, não era tão mais “jovem”.

A partir de 2012, querendo largar o “babado”, começou a trabalhar como mototaxista e apostou numa relação estável com outra mulher; contudo manteve alguns dos seus “amigos”. Como muitas mulheres, Lívia circula entre diversas formas de relações de troca baseadas no sexo, que lhe permitem acessar a dinheiro e a outros ganhos. Por exemplo, ela contava que por volta de 2009, com 20 anos e ainda trabalhando no Zé Gay, “ficou” um tempo com um grande narcotraficante peruano. Um “amigo”. “Uma noite ele nos levou a Santa Rosa para acompanhar ele beber... ganhei 1000 reais, e nem me tocou. Com isso no dia seguinte comprei tijolos e zinco para a casa...”.

A perspectiva de Tatiana (22 anos em 2012 e 2 filhos), colombiana que trabalha no negócio do Gaucho⁷ em Tabatinga, é semelhante. Ela tinha deixado seus dois filhos na cidade natal de Pereira (no centro-oeste colombiano), sob o cuidado da sua mãe, e viajava para Tabatinga para trabalhar e enviar dinheiro não apenas para os meninos, mas para o sustento familiar. Alguma vez me mostrou as fotos dos filhos, e atrás deles pude ver as condições de moradia extremamente precárias. Neyane

7 Gaucho, em espanhol, fazendo referência a um cantor argentino de tango: El Caballero Gaucho.

(16 anos em 2012 e uma filha), de Benjamin Constant, desenha um universo semelhante, tendo trabalhado no Zé Gay e no Punto Frio, e em 2012 mantendo relações de ajuda (PISCITELLI, 2011) com amigos mais velhos. Em outubro de 2012, ela morava em um hotel em Tabatinga pago por um “amigo”. Tanto Tatiana como Neyane, heterossexuais, como muitas das mulheres que conheci trabalhando no Zé Gay ou no Gaucho, tem seus filhos sob o cuidado de mães e avôs, tanto na mesma cidade de Tabatinga, quanto em outras (especialmente no caso do Gaucho). O babado para Livia, e isso foi reforçado com a intensificação das suas relações sexuais e afetivas com outras mulheres, era muito mais um trabalho rentável e necessário que um prazer.

Porém, ela, como a Nayane e como outras garotas que conheci na noite de Tabatinga, de maneira nítida, associava o babado ao trabalho no prostíbulo; por tanto, podia manter encontros, transacionais ou não, com “amigos” e “amigos mesmo”, que lhe *pagassem*, lhe *dessem* dinheiro ou a *apoiassem* sem estar “fazendo babado”.

Uma noite de 2012, Livia e eu nos encontramos, ela acompanha um moço que trabalha num dos tantos bares sobre a Avenida da Amizade; eu sento, peço um cachorro quente e ela me pede que lhe pague uma cerveja. Já sentados, bebendo e conversando, enquanto o garoto trabalhava e olhava desconfiado, pergunto se ela sai sempre sem dinheiro, coisa que eu considero uma arte. “Quase sempre”, diz Livia; por exemplo, *ontem* foi dançar e encontrou um amigo que é cacique na comunidade indígena urbana ticuna de Umariçu. Ele comprou ao redor de oito baldes de cerveja para beber junto com ela.

- Cada um vale 36 reais.
- Nossa, uma grana gastou o cara... E tu ficaste com ele?
- Não, somos amigos, amigos mesmo, nunca ficamos...

Pergunto então pelo moço que está com ela:

- Apenas nos agarramos, mas não transamos...
- E por que?
- Porque não sinto vontade... eu não transo com todo mundo!!! Quem quiser transar comigo tem que pagar... Eu não vou dar de graça, hein??? O que é que eu faço trepando

a noite inteira se no dia seguinte não tenho como pagar as contas ou como dar de comer pros meus filhos??? Não, eu tenho filhos... Amor não enche a barriga...

- Mas como assim, Livia? Como funciona? Vamos fazer de conta que tu tá dançando em Scandalo's e eu quero transar contigo...
- Ahhh tá, aí tu chega, né, te aproxima e diz: 'E aí? Bora prum motel? Vamos ficar juntos? E eu digo: Mas vai pagar? Quanto vai me dar???' Olha... Eu tinha um amigo que era da Aeronáutica... ele me tratava muito bem, era um cara muito legal... sempre me ligava e a gente saía... eu gostava muito dele, e sempre que eu precisava de alguma coisa eu ligava para ele... ele dizia 'quem gosta, apoia'...

Curtição, distinção, prazeres e o risco do trabalho: Vanessa e *xs garotxs*

Eu já tinha visto a Vanessa antes do nosso primeiro encontro, uma noite na danceteria mais famosa da cidade, em agosto de 2011. Estava acompanhada por outra moça, de pele mais escura, menos voluptuosa e também muito produzida e bonita. Vanessa chamava muito a atenção. E não só a minha. Ela dançava sozinha muito sensualmente, cuidava ao seu redor com atenção e olhava com um certo desprezo o resto do mundo. Tentei me aproximar e fui rechaçado. Para minha surpresa, o mesmo aconteceu com todos os homens, bastante diversos uns dos outros, que no percurso de 4 horas nos aproximamos dela.

Será que ela é ou não é? me perguntava eu, sem entender a performance da moça. *O que é que ela quer?* Como diversas outras pessoas, especialmente alguns homens amigos, muitas vezes me perguntei isso em campo; inclusive com relação a moças que tinham sido me apresentadas, entre sussurros de amigos gays, como “de babado”, mas que na hora de sondar negavam até o final... entre sorrisos cúmplices e coquetes. Era uma estratégia moral de mercado? Uma paciente espera de isca que caça nos espaços públicos no jogo da sedução e da intriga (OLIVAR, 2011) até o melhor partido aparecer ou as ofertas subirem? Ou apenas alguma espécie de, digamos, narcisismo (por chamar de alguma forma) feminino juvenil de um corpo centro dos desejos? Poderia ser tudo junto?

Quando nos conhecemos, ainda em 2011, Vanessa tinha 17 anos, estudava no 9º ano do colégio, morava num

quarto que algum amigo ajudava a pagar e não tinha filhos. Ela me foi apresentada por um conhecido colombiano, gay, estudante universitário, professor de danças “folclóricas” e gestor de desfiles de beleza e de moda, que sempre se dispôs a me ajudar na pesquisa. Ele conversou antes com Vanessa e ela autorizou o encontro.

No início da conversa, antes de qualquer outra coisa, ela me olhou séria e firme e me disse: “eu quero que você entenda que eu não faço babado porque preciso, a minha mãe me dá tudo que preciso. Faço por curtição, mesmo”. Sua mãe, mototaxista, recebe uma pensão do pai da Vanessa, militar, de São Paulo (SP). Desde os 14 anos ela faz “babado”. Ela gosta de vestidos e de sapatos que define como caros (200, 300 reais) que comprava com o dinheiro do “babado”. Duzentos, trezentos reais era a sua tarifa em 2011. “Por uma noite? – pergunto. Ah??? Hahahahahaha não, por uma hora!”.

Do mesmo modo que ela, outras garotas e váríxs jovens “gay”/trans-“meninas”⁸ faziam questão de afirmar a curtição, a vontade, em contraposição a noções de necessidade e de trabalho. “Gosto de fazer sexo, gosto de conhecer os homens, é muito divertido”, dizia a Emilly.

Sobre sexo e curtição, um jovem amigo gay “de babado” que alguma vez se nomeou no seu Facebook de “Emo-Barbie”, e que em 2011 estava com 18 anos, me explicava que para ele essa “curtição” era o mais importante da vida. Ele também “fazia babado” desde os 14, ou 15 anos, também era sustentado pela sua mãe que, por sua vez, recebia dinheiro do pai dele, militar aposentado 40 anos mais velho que ela. Ele e outxs amigxs gays, trans- e “meninas” com quem compartilhei muitas noites me explicavam, zombando da minha incompreensão que o importante não era se uma transa era boa ou ruim,

8 A nomenclatura “gay”/trans- funciona assim: o “gay” é uma categoria local, êmica, que se refere exclusivamente a homens homossexuais que comunicam performaticamente de diversas maneiras suas predileções e que constroem estilos de gênero feminizados também diversos e em uma espécie de gradiente. Ser “gay” é estar em um processo particular de relação performática com ideias de feminilidade. “Gay” pode ser um moço homossexual de cabelos curtos, roupas e trabalhos “de homem”, mas com gestos e trejeitos feminilizantes, ou o Zé Gay, por exemplo, travestido completa e permanentemente. Como substantivo, pode ser masculino ou feminino, no contexto: um gay, o Zé Gay, a Pedro, a gay etc. A composição com a categoria exógena trans-, aberta pelo traço, indica para o leitor a presença dessas transformações e transições mais fortes de gênero (*transgender*). Alguma referência a “travesti” aparecia em 2011 somente sob indagação específica ou através do trabalho inicial de uma Ong LGBT. Às vezes, como uma acusação-piada: “ah, sua travesti!”. A ideia de ser não travesti mas “uma menina” apareceu na intervenção pública da Chris, uma das minhas interlocutoras.

mas ter muitas transas, descobrir muitos pênis e muitos jeitos de transar, ter os favoritos, se envolver em orgias e outras aventuras sexuais e não sexuais (como festas, pequenos roubos, passeios, bebedeiras, viagens) etc. Elxs não ficariam grávidas; porém, suas possibilidades de casamentos economicamente rentáveis eram, sem dúvida, menores.

Vanessa não precisava conseguir dinheiro toda noite, ela escolhia com cuidado, em uma mistura de promessas de bons ganhos e interesse social e erótico. Se na noite não aparecia algum bom prospecto, ela dançava e voltava para a sua casa sem problema nenhum. Mas sempre tinha homens dispostos a pagar. De fato, diversas vezes encontrei a Vanessa na noite tabatinguense, ora com amigas, ora com algum moço em performance de namoro. “Namorado tenho, mas não tenho”, disse ela em 2011. Ele era um soldado de 30 anos da Força Nacional de Segurança que foi trasladado para o Rio de Janeiro. Foi ele que pagou o aparelho dental, além de dar algumas ajudas e enviar dinheiro. “Já que come tem que ajudar!”. Apenas com um sargento do exército Vanessa mantinha um relacionamento, principalmente sexual, sem a mediação ou o desejo do dinheiro; com ele era pura vontade erótica.

Mesmo conhecendo várias moças e gays de babado, ela disse não conhecer às moças que fariam “babado” na Feira (região do Mercado e do Porto, tida como “mancha” (MAGNANI, 2010) peruana, mais pobre e indígena), ativando uma distinção que cruza classe, cor, etnia e procedência com avaliações morais. Diz que essas de lá são umas “putas”, “putinhas”, “periguetes que só ficam com bêbados.” Buscar sexo na região da Feira é visto por Vanessa e por muitas outras pessoas como o nível mais baixo na cidade. Ali é o local dos preços baratos; das peles mais escuras, mais índias. O público é fundamentalmente composto por homens pobres, pescadores, trabalhadores braçais do porto e do mercado, peruanos, indígenas. Tal o gesto de nojo e de distinção da Vanessa, quem, fui descobrindo com o passo da pesquisa, era bastante procurada e reconhecida no mercado sexual local/transfronteiriço, inclusive pelo pessoal do Conselho Tutelar, que olhava para ela com certo encanto e desde a frustração de não conseguir que ela “mudasse”.

Durante 2013, Vanessa ingressou em um grupo de dança da cidade que se apresenta em casas de *shows* e em hotéis, porém, no final do ano teve de sair. Em início

de janeiro de 2014, Vanessa morava de novo na casa da sua mãe, mototaxista, quando ganhou seu primeiro filho. O pai da criança, um Cabo do exército brasileiro que estava em outra cidade, começaria nos próximos dias a lhe enviar dinheiro. O que aconteça com o babado nos tempos vindouros é um mistério, porém, é possível que, de continuar, adquira a forma de um trabalho.

Emily foi uma das minhas primeiras e mais queridas interlocutoras, uma “sereia” que tinha nascido menino em uma comunidade ribeirinha e que por volta dos 15 anos começou seu processo de transformação e de “babado”. Foi convidada e guiada por uma amiga, vizinha, travesti, de 18 anos, cujas roupas usou na primeira vez. Ela, de ascendência indígena, tinha a vantagem adicional de não ter pelos no corpo. Emily apresentou-se como Bianca, era setembro de 2011, tinha 18 anos. Cobra no mínimo R\$ 50,00 por um “babado”, ainda que às vezes ganhe muito mais e em muitas outras nem se importe com o dinheiro. Bianca pediu que me referisse a ela como Emily, Emily Emanuelle, porque a Bianca é só para “a puta da avenida”. Em 2011, ela ainda morava com seus pais e era deles que recebia o sustento diário, de modo que o dinheiro do babado ficava livre para seus próprios gastos. Tal era a razão que lhe fazia dizer-me, naquele ano, que ela, mesmo tendo 18 anos, era “de menor”. Parecia-me que naquela fala, numa performance de inocente sedução, ela ativava a “meninice” como um capital valorizado nos mercados do sexo locais, bem como um princípio de definição econômica do ciclo de vida.

A partir de 2012, algumas dos *garotxs* “gay”/trans-, já chegando ou começando a década dos 20 anos, foram introduzindo preocupações consistentes associadas ao trabalho, à educação (retomar ou concluir o ensino médio e avançar para educação técnica ou superior) e à migração. Igualmente, foram ensaiando relacionamentos afetivos desejados como estáveis, “casamentos”, que alternavam com o babado, a putaria e a moradia nas casas maternas. Uma mudança de ciclo de vida estava em processo; nenhum deles abandonava suas ideias sobre “juventude”, por exemplo, mas evidentemente a vida era outra. As ânsias por viajar, algumas tensões familiares, a presença de irmãos mais novos precisando de dinheiro, o desejo de organizar-se em núcleos domésticos autônomos e, em alguns casos, a vontade de investir em modificações corporais mais permanentes. E os corpos também

mudavam; o que no caso das “meninas” era bastante forte, porque até aí suas belezas femininas estavam facilitadas não por hormônios ou cirurgias, mas pelos traços adolescentes que começavam a endurecer. Muitxs delxs se engajaram fundamente na Umbanda, inclusive com um pai de santo “gay” de 24 anos da mesma rede, e esse engajamento foi fundamental no processo de transição de estilos e perspectivas de vida em que se encontram, pois impôs disciplinas e rotinas adicionais as do babado, bem como espaços de reflexão e de encontro diferenciados.

No decorrer de 2013, pelo menos 4 delxs foram embora de Tabatinga para Manaus com o apoio das famílias. Emily já morava fora da casa dos pais, passava temporadas fora da cidade e fora do país – engajada de maneira autônoma em algumas viagens para Iquitos (Peru) que misturavam participação em concursos de beleza trans-, performances artísticas e “prostituição” –, ajudava a formar uma trans- de 15 anos e enunciava que se sustentava da “prostituição, meu trabalho”.

À força... (Glória)

...Glória então se dispôs muito gentilmente a me explicar o conteúdo da sua intervenção e do incômodo com a minha fala. Não tudo é “curtição”, repetiu. Marcamos um encontro, depois outro e conversamos largamente.

Em novembro de 2012, quando nos conhecemos na minha palestra na Universidade Estadual de Amazonas em Tabatinga, ela tinha 23 anos. No início da sua explicação, Glória me contou da sua irmã que trabalhava como prostituta, atualmente em Manaus. Segundo Glória, a mãe teria dado as costas para a irmã adolescente, que se envolvia com garotos problema e, ao parecer, se aproximava do muito disponível universo do tráfico de drogas. Sem muito apoio, a irmã teria virado prostituta. Glória então me contou das conversas com ela, do dinheiro que a irmã enviava desde Manaus, dos relatos de viagens e de aventuras que ouvia no telefone a distância. Eu ouvi e não conseguia captar nenhum indício da irmã estar sendo forçada, de violência ou chantagem. Então decidi perguntar se ela achava que a irmã estava sofrendo ou que estava fazendo à força. Pensou, riu e disse que não, mas que de qualquer forma ela não gostava do que a irmã estava fazendo, que se a sua mãe tivesse...

Porém, havia mais... O lugar e o destino de fala

da Glória era outro. Ela nasceu em uma comunidade ribeirinha à jusante do rio, pertencente ao município de Tabatinga. Morava com seus avós, um tio materno e a presença inconstante da mãe. Ela ajudava os avós na roça no turno contrário ao da escola, preparava o almoço e o levava até onde eles estavam trabalhando. Uma manhã, quando estava com 9 anos, sozinha em casa, foi estuprada pelo seu tio materno (na casa dos 23 anos). Desceu uma chuva de ameaças sobre ela. Nada poderia dizer, denunciar, e ela acreditou, assustada. A narrativa é carregada de muito sofrimento e muito medo, pois os estupros continuaram. Não satisfeito com isso, e aqui é o coração da necessidade da intervenção da Glória, o seu jovem tio começou a oferecer sexualmente seu corpo para outros homens. Durante 3 anos, amedrontada e ameaçada, foi obrigada a ter sexo com todos os homens que seu tio arranjava e aos quais ele cobrava. Os homens davam o dinheiro para ele ou para ela, e acediam sexualmente ao seu corpo no mato, à moita. Ela lembra que quando tinha eventos na comunidade, como jogos de futebol, ela entrava em pânico.

Até que com 12 anos sentiu que não devia mais viver com o enorme sofrimento que aquilo lhe gerava e decidiu arriscar-se a contar. Ela não lembra como foi, mas lembra que tinha 12 anos e que de repente pensou que não podia ser pior gritar que continuar levando. Um outro tio ouviu o grito e aí começou a caçaria. O tio-estuprador fugiu pelo rio e nunca mais viu. Então entendi do que ela estava falando com “fazer à força”, e seu relato sugeriu portas difíceis e complexas que deverão ser seguidas em processos cuidadosos de pesquisa.

Depois veio o intenso processo de elaborar familiarmente o acontecido e o “trabalho do tempo” (DAS, 2007) inacabado de re-tecer a vida, as memórias, o corpo, os afetos, os desejos... No caso da Glória, foi uma transição entre a infância e a adolescência que, de algum modo, lhe deu uma fenda de possibilidade para entender e deter o que estava acontecendo; e foi no seu processo de ser jovem que a terrível violência sofrida teve de ser elaborada e colocada em jogo com namoros e desejos.

De múltiplas maneiras, a história de Glória não é excepcional. Não saberia dizer que tão presente é na vida das pessoas da cidade transfronteiriça esse tipo de violência, mas guarda conexões com diversas outras histórias e narrativas que conheci (de primeira ou segunda

voz) que cruzam as idades entre 9 e 14 anos com inícios sexuais diversos, relações intergeracionais, assimetrias muito marcadas e, em alguns casos como este, violências sexuais e estupros. Alguns desses casos passam pelo território do Estado, pelos registros, nomeações e práticas de justiça. Muitos outros casos que tive informação, como o da Glória, não. Ora não existia qualquer agente estatal confiável nem a confiança no Estado, ora denunciar não fazia parte da lógica de justiça local, ora se contava com agentes do Estado próximos do grupo familiar que agiriam pela sua própria conta.

Reflexões Finais

Essxs *garotxs*, essas mulheres e “meninas”, ensinaram-me muito; colocaram-me em xeque e me desafiaram com perguntas e narrativas que ainda não consegui resolver.

Para muitas dessas posições, vozes e experiências, nossas ferramentas mais comuns para analisar prostituição/mercados do sexo entre pessoas adultas não são suficientes, e resulta muito difícil de “traduzir” (e sentimos que devemos traduzir) o que nos falam em termos que as comunidades acadêmicas e políticas (morais) de diálogo possam aceitar. Creio que, como é visível no livro *Os sete sentimentos capitais* (DIÓGENES, 2008), essa é a primeira e fundamental consideração, e talvez seja uma das boas razões pelas quais escasseiam as pesquisas. Algumas dessas pessoas jovens, amazônicas, ribeirinhas e urbanas nos apresentam um universo de certezas, de práticas, de arrogâncias, de dúvidas, de desejos, de criações e de legitimações que resultam incompatíveis com ideias morais e políticas maioritárias sobre minoridade, sexualidade, gênero, dinheiro, trabalho, legalidade. Mas, também, abrem as portas para memórias e dinâmicas de violência, sofrimento e dor que escapam tanto dos nossos estudos sobre violência do Estado, quanto das interpretações via violências relacionais e produtivas, quanto da mais simples vitimização estrutural (por jovens, por femininas, por pobres, por marginalizados, por “amazônidas” etc..)⁹.

⁹ Uma das referências mais importantes nessa compreensão é o trabalho pioneiro de Heather Montgomery (2001) com/sobre “child prostitutes” na Tailândia. Uma etnografia engajada do trabalho, das relações e das práticas cotidianas desses garotos e suas famílias.

Evidentemente, as condições econômicas da Lívia são de muita necessidade, sua perspectiva difere bastante de outras garotas de babado que conheci e dxs *garotxs* “gay”/trans-, que não tinham nenhuma responsabilidade financeira com suas famílias e cujo principal argumento era curtir a noite. A maternidade (e por tanto o gênero) antes ou durante a experiência do “babado”, em conjunto com a maior precariedade econômica familiar, os estilos corporais e de gênero, as opções sexuais e os suportes familiares, implicam uma grande diferença na hora de encarar a busca por dinheiro e por experiências de prazer no contexto descrito.

O que a narrativa da Lívia nos apresenta é a existência e o limite da necessidade econômica como argumento explicativo da vinculação de adolescentes e jovens com o mercado sexual. A existência da necessidade, claro, não apenas pela pobreza ou pela carência de recursos suficientes, mas pela lógica econômica e de gênero local, que, como já vimos, materializa o acesso primário a dinheiro nos corpos masculinos e coloca os acessos femininos na forma do sexo, dos afetos, das conjugalidades, do parentesco, da gravidez, dos cuidados. Para muitas pessoas femininas, então, resulta socialmente necessário (ou é extremamente disponível) ativar esses caminhos para acessar as “ajudas”, “pagamentos”, “dádivas” etc. O dinheiro que a Lívia podia conseguir por essa via era, como tem mostrado uma vasta produção socioantropológica, histórica e econômica sobre prostituição e sobre mercados do sexo, significativamente maior e melhor (com relação ao custo corporal) que o recebido pelo serviço de mototaxi ou de garçonete (ver, por exemplo: JULIANO, 2002; 2006, e PISCITELLI, 2011).

Por outro lado, apresenta o limite do argumento da “necessidade”, porque Lívia, com tudo e a presença dos três filhos, da pobreza e das necessidades, ganhava bem mais que o *necessário*. Ela curtia, se divertia, escolhia, circulava pela cidade, se produzia desejável, juvenil, amiga, querida. Bebia, ganhava presentes, sentia prazer e potencializava sua agência. Porém, o que é o necessário?

Desde uma perspectiva mais macro e vinculada às discussões sobre “comercio global”, é importante ressaltar o trabalho de O’Connell Davidson (2005). Outros trabalhos em que aparecem posições críticas ao discurso da infância englobante e à perspectiva da “exploração sexual” no marco da vinculação de adolescentes nos mercados do sexo são: Mujica (2013), Duque (2011), Mai (2007) e, tangencialmente, Togni (2014). Ver também García, Nascimento et alii (2013), sobre “prostituição juvenil” no interior da Paraíba.

Qual é o “marco de inteligibilidade” (BUTLER, 2010) que define “o necessário” e que nesse processo organiza a distribuição dos bens, dos desejos e dos “luxos”? Para que e para quem “a necessidade” é uma resposta satisfatória? O necessário é um pão e uma sacola plástica para se cobrir da chuva? O necessário é a capacidade de comprar tênis lindos para os filhos? A possibilidade de uma noitada de forró e cerveja com *amigos* e *amigos mesmo*? Qual o referente persistente de materialidade que explicaria a necessidade e que algumas razões tendem a explicar para além da “razão simbólica” (SAHLINS, 2003)? A necessidade é um fluxo de desejo, uma memória, um limite, uma fantasia mítica originária. A necessidade da Lívia se parece com a da irmã da Glória, a relação entre um emaranhado de precariedades e o enorme desejo de curtir a vida.

Mas o que é esse “curtir” tão proclamado? Como entendê-lo? O que é que *estxs garotxs* estão tanto curtindo e o que estão produzindo com sua afirmação verbal, corporal, performática permanente? O que fazemos com essas afirmações?

Sem dúvida Vanessa, como *xs garotxs*, habitantes jovens e populares do interior do Amazonas, estão longe de serem pessoas “burguesas” (como as imaginou uma militante feminista-marxista em alguma palestra em São Paulo) ou de ter suas necessidades econômicas resolvidas; sem dúvida o dinheiro do “babado” aliviava também as economias familiares... Porém, é a “curtição” o sentido proeminente, performática e relacionalmente construído no cotidiano. “Curtição” é uma categoria importante para muitos e muitas jovens que “fazem babado”, se envolvem em relações de “sexo transacional”, ou simplesmente “curtem” a noite. A “curtição” é tanto a noite, quanto as roupas que podem comprar, quanto o sexo. É também o sabor da aventura, dos amigos, da bebida. O prazer, bastante lógico socialmente, de farejar e capturar o dinheiro no ar; de entender a vida, a circulação pelo território e a consecução de dinheiro como uma aventura de exploração dos recursos disponíveis. Há nesse prazer de curtir, e de dizer que se curte, também, uma importante sensação de potência, de poder fazer e de poder comprar (levar dinheiro para casa).

Por outro lado, elxs entendiam da importância dessa apresentação, e de que eu tomasse nota das suas falas carregadas de erotismos, curtições e autonomias. Vanessa

e algun(x)s delxs já tinham passado pelo Conselho Tutelar. Já tinham fugido da nacionalmente famigerada Kombi desta instituição, já tinham dado centenas de explicações e guardado atento silêncio em palestras e orientações psicossociais sobre “exploração sexual”, sobre vítimas e criminosos. Vanessa já tinha ouvido a sua amiga conselheira tutelar lhe dar conselhos enquanto sentia pena pelo desgaste dos sapatos da funcionária. O Emo-Barbie já tinha levado dinheiro em casa para ajudar à sua mãe, ex-conselheira tutelar de uma cidade vizinha, a pagar alguma conta. Algumas vezes me falaram do pouquíssimo sentido que todas aquelas retóricas faziam para eles. Eis, então, o lugar do esforço para cultivar e coletivizar a “curtição”.

Assim, do mesmo modo que a comensalidade e o parentesco se desdobram na palavra, no riso, na fofoca (FAUSTO, 2002; FONSECA, 2004), a “curtição” se desdobra na sua exibição pública e na enunciação orgulhosa que elxs faziam cotidianamente, obstinadamente, e que eu registrava no caderninho de campo. Tal o efeito da convicção arrogante da Vanessa, olhando-me no olho e servindo-me uma cerveja. Ela me fazia seu cúmplice, assegurava-me no ilegalismo de dividir a bebida e se exibia, já não na dança sensual da boate, mas na instauração da palavra, na enunciação originária. Para sempre, seu trabalho a inscreveu nessas palavras impressas que por muito saíram daquela mesa em um barzinho, à moita, em Tabatinga.

Nesse processo, o que eles curtem não é apenas o babado, ou o babado não é apenas o programa. “Curtição” e “babado” marcam formas de articular sexo, dinheiro, diversão, prazeres, afetos, mobilidades, intensidade. Mostram uma forma na qual tudo isso existe na articulação *necessária*, ao mesmo tempo que indicam os caminhos de socialidade e de produção do mundo (da cidade, do território transfronteiriço, das relações, das possibilidades) produzidos/transitados por esses agentes¹⁰. A tríplice fronteira intensamente urbana e cosmopolita (e isso é importante para elxs, principalmente para quem veio de comunidades ribeirinhas) é um lugar vespertino e noturno a ser curtido, a ser produzido na alta temperatura, na ebriedade úmida, na intensa relação com suas religiões, na emoção do babado (às vezes “babado” é uma festa, uma fofoca, um programa, uma notícia bombástica, o

vestidinho de babados...), da qual elxs são *quiméricxs* agentes.

No centro das questões levantadas nessas narrativas, está um entrecruzamento entre noções de infância e juventude associadas aos “mercados do sexo” e a sempre latente pergunta pelo uso da força, pelas obrigatoriedades, pelas violências e pelos limites da autonomia. Nesse sentido, ideias mais fixas sobre geração, bem como limites jurídicos (12, 14, 18 anos) na dimensão da sexualidade, devem ser lidas de maneira relacional e situada, no marco de noções êmicas alargadas, em contextos práticos e em relação com outros marcadores de diferença (TOGNI, 2014). A pergunta pela autonomia enquanto capacidade biológica, psíquica e socialmente construída, relativa a idades e ciclos vitais, deve estar sempre presente, para não se perder em deficiências substanciais nem em fantasias voluntaristas. Nesse sentido, antes que um limite anterior à vida adulta, a *juventude* aqui apresentada marcou um espaço de aprendizado coletivo em um contexto no qual as juventudes estão organicamente inscritas nas dinâmicas sexuais, econômicas e laborais.

As ideias e experiências aqui apresentadas, em termos do mercado do sexo, resultam pouco compatíveis com a “infância universal” que o fantasma de algum certo Ocidente tanto tem se esforçado em construir (MONTGOMERY, 2001; VIANNA, 2002; SCHUCH, 2009) e da qual tanto parece depender (ELIAS, 1995; FOUCAULT, 1998). E é contra o símbolo mobilizado por estas experiências persistentes e duráveis que a “infância universal” e o “enfrentamento da exploração sexual” se erigem e lucram.

Primeiro que tudo, porque para bem e para mal os contextos não parecem acreditar tão submissamente no projeto da “infância universal”. Isto é, todo o sistema de direitos de crianças e adolescentes como “prioridade nacional” não parece muito consistente nem se quer para pessoas participantes do Estado. Ainda menos para “adolescentes”, categoria dificilmente apreensível e, em qualquer caso, laboriosamente distinguida da infância por diversos agentes locais. Segundo, porque a diferença que as narrativas traçam entre elxs jovens ou adolescentes e elxs crianças parece absoluta. Nenhum(a) dxs *meninxs* se considerava criança na época do trabalho de campo ou na sua memória sobre “babado”; nenhum(a) legitimou a participação de crianças (pré-púberes, por exemplo)

¹⁰ Sobre “o babado da prostituição” travesti e sua relação com mobilidade ver Teixeira (2008).

nestes mercados, mesmo que um ou outro lembrasse sem nenhuma carga de violência ter iniciado sua vida sexual na infância, em uma relação intergeracional não paga. Somente no caso da Glória a figura da criança apareceu nessas narrativas clara e violentamente vinculada a negócios entre sexo e dinheiro. Ainda nessa narrativa, a infância é radicalmente distinguida da adolescência e juventude através da função dramática e potencialmente explicativa que a idade-limite de 12 anos ocupa na memória dela. Isto é, o mecanismo estético (e por tanto político e moral) criança-e-adolescente é biográfica e socialmente esvaziado de maneira radical, exigindo leituras diferentes para ciclos etários diversos.

Terceiro, porque o dinheiro, a diversão sexual e o descobrimento/desafio dos limites legais, morais, econômicos e corporais do mundo ocupam um lugar muito especial. Como se adverte no texto de Diógenes (2008), antes mencionado, e em importantes pesquisas como a GRAVAD, coordenada por Heilborn, Aquino, Bozon e Knauth (2006), a participação desses jovens em mercados ilegais/irregulares não é contemplada em discursos progressistas que avançam na compreensão das “sexualidades adolescentes” como tempo de descobrimento, de afetos e de potenciação lúdica, porque continuam silenciando ou não conseguindo lidar com o dinheiro, a intensificação do desejo, a busca por assimetrias de poder, entre outras. Os “mundos hostis” que Viviana Zelizer (2009) descreve (intimidade vs. dinheiro), longe de simplesmente fundir-se, se multiplicam institucional e moralmente na inserção da minoridade; se misturam violenta, amorosa e promiscuamente nas experiências de algumas destes *garotxs*, e se fazem brutalmente hostis na violência da exploração sofrida por Glória.

Por outro lado, se como já vimos, ideias sobre “prostituição” são insuficientes para compreender uma diversidade bastante grande de práticas e de criações (PISCITELLI, 2013; CONSTABLE, 2009), o que se pode esperar de categorias mais restritivas e marcadas como “exploração sexual”? Olhando para os dados de pesquisa, percebe-se claramente que a ideia de “exploração sexual de crianças e adolescentes” como definição do “sexo pago” com menores de 18 anos, bem como categoria explicativa e de acesso político ao tema, é absolutamente insuficiente. As construções autônomas desses garotos e garotas, suas experiências e elaborações de agência não

podem ser reduzidas a formas estruturais ou conjunturais de dominação e opressão, nem a posições ontologizadas de vitimização que, de repente, se desfazem nos dezoito anos. Além disso, como ficou evidente, a diversidade de maneiras de compreender essas trocas e mercados, e das experiências atreladas, exigirá recursos mais flexíveis e variados para a sua compreensão e para as eventuais vulnerações que venham a existir.

A única narrativa para a qual a categoria de “exploração sexual” se ajustaria seria para a da Glória e outras parecidas. É difícil não ver na história da Glória uma pesada exploração econômica do corpo, violentamente sexualizado, daquela menina; uma produção sistemática e brutal de dor e de sofrimento. Talvez para esses casos, se chegassem à institucionalidade responsável e se esta estivesse suficientemente bem preparada, o dispositivo político do enfrentamento à “exploração sexual” poderia servir. Contudo, é preciso lembrar que esse caso, e outros parecidos, jamais passaram pelo registro nem pela ação do Estado. Esse caso é radicalmente diferente dos outros, e também é difícil não ver as diferenças. Por outro lado, como atenta Mujica (2013) para a Amazônia peruana, e como resulta evidente na totalidade da minha pesquisa, esses casos não incluíam “esquemas” de crime organizado, “máfias” ou estruturas do tipo. No caso da Glória, o “esquema” estava composto pelo seu tio, também jovem.

Evidentemente a história e a posição da Glória são diferentes às das outras interlocutoras. Ela é estudante universitária, não faz babado nem nunca fez, não mergulha na “curtição” da noite, nem na dinâmica de orgias e buscas sexuais intensivas que *xs outrxs* parecem ter. A menina Glória não era uma adolescente e sua história não é uma história de babado e nem se quer de prostituição em nenhum sentido que possamos aceitar. Como já disse, além dos estupros, é impossível não ver a brutal exploração econômica sobre seu corpo. A princípio, sua experiência deveria ficar fora de um estudo sobre “babado” e “prostituição”. Mas de um sobre “mercados do sexo” e “economias sexuais”? E se não estamos aceitando *a priori* o limite dos 18 anos para pesquisar “prostituição”, e se é ela própria que está se esforçando para conectar sua história com as nossas discussões, por que deveria excluí-la? Melhor, como incluí-la? O que é que Glória está fazendo? Qual o efeito da sua gestão?

Intervenções como a da Glória são comuns

quando falamos, em palestras, das “particularidades e positivities” (RAGO, 2008) da prostituição ou dos mercados do sexo, principalmente quando envolvemos pessoas “de menor”. Sempre alguém *deve* nos lembrar de que “a realidade não é bem assim”, dando continuidade a um jogo de polaridades longo e largo, como sugerindo que as “positivities” são apenas possíveis em contraste com as misérias do mundo e apenas formas excepcionais. Com seu chamado à ordem, a uma ordem que para ela seria inesquecível e cuja expressão foi inevitável, Glória assumiu a responsabilidade de completar o meu desenho colocando mais uma parcialidade e, assim, um limite à celebração da “curtição”, que implicava novas conexões e desdobramentos. Mas há uma diferença abismal. Se Glória não é uma garota de babado, tampouco é uma militante. E não o fez desde o lugar do “pânico moral”, nem desde a reprodução de inferências e de fofocas mediáticas e humanitaristas. A fonte era seu corpo, sua memória. O que Glória quis era que eu entendesse a existência de mais uma (sua) parcialidade nesse desenho. Nesse sentido, ela, em conexão com diversas outras narrativas de campo que tinham nas “minoridades” um pivô, criou um novo problema para as nossas “convenções e fronteiras” (PISCITELLI, GREGORI e CARRARA, 2004) sobre sexualidade e economia. Se modelos legais e políticos majoritários para lidar com esses mercados resultaram nos insuficientes, os recursos mais usados nas nossas análises antropológicas da “prostituição autônoma” e dos “mercados do sexo” também não pareceram satisfatórios.

Seguindo as propostas de Judith Butler, no seu livro *Marcos de Guerra*, a narrativa da Glória nos conecta com a dimensão da dor, do sofrimento, da fragilidade e da violência que atualiza e redistribui as precariedades da vida (BUTLER, 2010). Essa “distribuição” evidencia a existência de um “marco” ético, epistêmico e estético que nos informa dos limites e das formas desdobradas e conectadas da “curtição”; que nos avisa sobre a existência real, social e possível desta “exploração” e dos corpos potencialmente disponíveis para isso. É nesse sentido que Montgomery (2001) orienta o seu trabalho na Tailândia, ao reconhecer cotidianamente cenas de violência e dor, além de cenas de amizade, cuidados, prazeres, dúvidas, negociações em “crianças prostituídas”. Uma das propostas que surge da presente pesquisa é a necessidade de compreender esses “frames” evitando estabelecer pares

dicotômicos a priori, para assim permitir a reflexão destas dimensões e das suas conexões.

Por outro lado, essa narrativa, e o esforço de Glória em intervir e falar se apresenta, como os poemas de Guantánamo (BUTLER, 2010), como um caminho de memória, de fuga e de reestabelecimento de vidas vivíveis; um “trabalho do tempo”, em palavras de Veena Das (2007), que a Glória leva mais de 10 anos fazendo. Nesse sentido, além de nos chamar a atenção sobre violências e explorações, Glória, no tecido da sua narrativa, nos chama a atenção sobre a relação entre violência, capacidade de agência e geração; sobre as (não) relações com o Estado, e sobre formas de reestabelecimento da vida possível. Com disse inicialmente, esse artigo é o início particular de uma reflexão, não um produto analítico acabado. Minha pretensão é, antes que oferecer respostas e conclusões, apresentar algumas perguntas, hipóteses, diálogos e novos caminhos de pesquisa surgidos da pesquisa desenvolvida.

Finalmente, a montagem dessas três experiências revelou-me uma paisagem bastante complexa e rica, na qual ideias sobre “agências” sexuais, discursivas, fronteiriças e juvenis devem ser levadas em consideração em relação a formas políticas e econômicas estruturais. Sugere a necessidade de uma abordagem que, atentando aos fluxos através do limite legal dos 18 anos e às ideias sobre geração, idade e potências, (1) olhe para os “mercados do sexo” em relação forte com contextos amplos de práticas e intercâmbios sexuais e econômicos no *site* de pesquisa; (2) que construa esses “contextos” a partir de emaranhados entre experiências e narrativas diversas e diferenciadas entre si {nos quais os “trajetos” e “circuitos” (MAGNANI, 2010), bem como as redes amplas de relações e as análises histórico-econômicas são rotas úteis}, e que (3) “leve a sério” e dê conta de afirmações locais sobre prazer, desejo, decisão, necessidade, violência, (i)legalidades e relações com o Estado, entre outras, e das conexões entre elas {não necessariamente contraditórias, paradoxais ou em pares dicotômicos}, no marco de assimetrias de gênero, geração, cor, etnia, procedência, condição econômica, entre outras.

Referências

- APONTE-MOTA, Jorge. (2011). *Leticia y Tabatinga: transformación de un espacio urbano en la Amazonia*. Tesis de Maestría en Estudios Amazónicos. Leticia: Universidad Nacional de Colombia.
- BRAH, Avtar. (2006). “Diferença, diversidade, diferenciação”. cadernos pagu(26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. (2010). *Bases para uma proposta de desenvolvimento e integração da Faixa de Fronteira*. Brasília: Grupo de trabalho interfederativo de integração fronteiriça.
- BUTLER, Judith. (2010). *Marcos de guerra: las vidas lloradas*. Barcelona: Paidós.
- CABEZAS, Amalia. (2009). *Economies of desire: sex and tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia: Temple University.
- CAMPOS, Ana Maria. (2012). *Dilemas da maternidade: assistência a grávidas na rede municipal de saúde de Benjamin Constant/AM*. Trabalho de conclusão de curso em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Natureza e Cultura. Benjamin Constant: UFAM/INC.
- CONSTABLE, Nicole. (2009). “The Commodification of Intimacy: Marriage, Sex, and Reproductive Labor”. In: *Annual Review of Anthropology*. v. 38, pp. 49-64.
- CSORDAS, Thomas. (1994). *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*. New York: Cambridge University Press.
- DAS, Veena. (2007). *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press.
- DIÓGENES, Glória. (2008). *Os sete sentimentos capitais: exploração sexual comercial de crianças e adolescentes*. Sao Paulo: ANABLUME.
- DUQUE, Tiago. (2011). *Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume.
- ELÍAS, Norbert. (1995). *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FAUSTO, Carlos. (2002). “Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia”. In: *Mana* 8(2), pp. 7-44.
- FONSECA, Claudia. (2004). *Família Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: UFRGS editora.
- FOUCAULT, Michel. (1988). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- GARCIA, Loreley et al. (2013). *Nas Armadilhas do Desejo: prostituição juvenil nas zonas rural e litorânea da Paraíba*. Relatório de pesquisa (Edital MCT/CNPq/SPMPR/MDA Nº 020/2010). Joao Pessoa: UFPB/PPGS.
- GOULARD, Jean Pierre. (2010). “El Noroeste amazónico en perspectiva: una lectura desde los siglos V-VI hasta 1768”. In: *Mundo Amazónico*, v. 1, pp. 183-213.
- HEILBORN, M.L., AQUINO, E.M.L., BOZON, M. e KNAUTH, D (org). (2006). *O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond/ Fiocruz.
- HUNTER, Mark. (2010). *Love in the time of Aids. Inequality, gender and rights in South Africa*. Boomington: Indiana University Press.
- _____. (2002). “The Materiality of Everyday Sex: thinking beyond ‘prostitution’”. In: *African Studies*, 61, pp. 99-120.
- GRIMSON, Alejandro. 2003. “Los procesos de fronterización: flujos, redes e historicidad”. In: GARCÍA, Clara Inés (ed). *Fronteras: territorias y metáforas*. Medellín: Hombre Nuevo Editores, pp. 15-34.

- JULIANO, Dolores. (2006). *Excluidas y Marginales*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- _____. (2002). *La prostitución: el espejo oscuro*. Barcelona: Icaria.
- LIMA, Bagdala Cajueiro de. (2010). *Profissionais do sexo: um estudo de caso no contexto social do município de Tabatinga/AM*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Antropologia, Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas. Benjamin Constant: UFAM/IN.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. (2010). “Os circuitos dos jovens urbanos”. In: *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, pp. 13-38.
- MAI, Nick. (2007). *Young and minor migrants' errant mobility and involvement in sexwork within the EU*. Institute for the study of European transformations – ISET. London Metropolitan University. Londres: ISET.
- McCLINTOCK, Anne. (2010). *Couro Imperial: gênero, classe e raça no embate imperial*. Campinas: Editora da Unicamp.
- MUJICA, Jaris. (2013). “The microeconomics of sexual exploitation of girls and young women in the Peruvian Amazon”. In: *Culture, Health & Sexuality*. v. 15, Supplement 2, 31 July: S141-S152(12).
- MONTGOMERY, Heather. (2001). *Modern Babilon?: prostituting children in Thailand*. London: Berghahan Books.
- O'CONNELL DAVIDSON, Julia. (2005). *Children in the Global Sex Trade*. Cambridge, UK, and Malden, MA: Polity Press.
- OLIVAR, José Miguel. (2013a). *Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: CLAM/Eduerj.
- _____. (2013b). *Mercados do sexo em territórios transfronteiriços: gênero e circulações na fronteira Brasil-Colômbia. Relatório final de pesquisa*. Posdoctoral fellow FAPESP, process 2010/50077-1. Núcleo de Estudos de Gênero –PAGU / Unicamp. Campinas: PAGU/FAPESP.
- _____. (2011). “Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 26, n. 75, fevereiro, pp. 89-189.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (1972). *O índio e o mundo dos brancos: a situação dos tukuna do Alto Solimões*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- OLIVEIRA FILHO, Joao Pacheco de. (1988). *O nosso governo: os Ticuna e o regime tutelar*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq.
- PANTEVIS, Yohana. (2013). *Construyendo la historia ambiental de Leticia através de la pesca*. Master in Amazonian Studies; Universidad Nacional de Colombia, sede Amazonía. Leticia: UNal.
- PICÓN, Jorge E. (2012). “Leticia, la transformación urbana de una ciudad amazónica y fronteriza; 1867-1960.” In: ZÁRATE, C. (org). *Espacios urbanos y sociedades transfronterizas en la Amazonía*. Leticia: Universidad Nacional de Colombia, sede Amazonía, pp. 98-123.
- PISCITELLI, Adriana. (2013). *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: CLAM/Eduerj.
- PISCITELLI, Adriana. (2011). “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”. In: PISCITELLI, et al. (org). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU-Unicamp, pp. 537-582.
- _____. (2008). “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. In: *Sociedade e Cultura*. v. 11, n. 2, jul/dez, pp. 263-274.

- _____. (2005). "Apresentação: gênero no mercado do sexo". In: *Cadernos Pagu* (25), pp. 7-23.
- _____ et al. (orgs.). (2011). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU-Unicamp.
- _____ et al. (orgs.). (2004). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond.
- POVINELLI, Elizabeth. (2013). "As quatro figuras da "sexualidade" nos colonialismos de povoamento". In: *Cadernos Pagu* (41), julho-dezembro, pp. 11-18.
- RAGO, Margareth. (2008). *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra. (2da. Edição).
- RICARDO, Carlos Alberto e RICARDO, Fany. (2011). *Povos indígenas do Brasil 2006/2010*. São Paulo: ISA.
- RICOUER, Paul. (1994). *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus.
- SAHLINS, Marshall. (2003). *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SCHUCH, Patrice. (2009). *Práticas de Justiça: antropologia dos modos de governo da infância e juventude no contexto pós-ECA*. v. 1, ed. 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS9.
- SIMÕES, Soraya. (2010). *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Niterói: EdUFF.
- _____ et al. (orgs.). (2014). *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: EdUFF.
- STOEBENAU et al. (2011). "More than just talk: the framing of transactional sex and its implications of vulnerability to HIV in Lesotho, Madagascar and South Africa". In: *Globalization and Health*. pp. 7-34
- TAUSSIG, Michael. (1993). *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*. São Paulo: Paz e Terra.
- TEIXEIRA, Flávia. (2008). "L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição." *cadernos pagu*, v. 31, pp. 275-308.
- TOGNI, Paula. (2014). *A Europa é o CACÉM. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*. Tese de doutorado. ICS; ISCTE, Programa de pós-graduação em antropologia social. Lisboa: ICS, ISCTE.
- VIANNA, Adriana R. B. (2002). *Limites da menoridade: tutela, família e autoridade em julgamento*. PhD in social anthropology; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ/MN.
- ZÁRATE BOTÍA, Carlos. (2008). *Silvícolas, siringueros y agentes estatales: el surgimiento de una sociedad transfronteriza en la amazonia de Brasil, Perú y Colombia -1880-1932*. Leticia: Universidad Nacional de Colombia.
- ZELIZER, Viviana (2009). *La negociación de la intimidad*. México: Fondo de Cultura Económica.